

Mundo

EM MEIO A PROTESTOS
Columbia adota aulas remotas

Medida, válida até o fim do semestre, vem após prisões em atos pró-Palestina



ENCRUZILHADA ARGENTINA

Milei celebra superávit fiscal, mas milhares protestam contra cortes nas universidades

JANAINA FIGUEIREDO
janeiro@globo.com.br

As principais cidades argentinas foram cenário ontem de uma das maiores manifestações recentes, em defesa da educação pública, num momento em que as mais de 40 universidades estatais do país estão em situação crítica pela decisão da Casa Rosada de não ajustar seus orçamentos num ritmo similar ao da inflação. De março do ano passado até agora, o aumento de preços internos foi de 287,9% (herança do governo de Alberto Fernández), e no primeiro trimestre de 2024 as universidades receberam o mesmo orçamento que em 2023 ou, em alguns casos, até menos. Na véspera das manifestações, o presidente Javier Milei comemorou o resultado das medidas de ajuste fiscal e, em suas palavras, "a atitude heroica dos argentinos". Os cortes fazem parte do programa do governo para equilibrar as contas públicas e alcançar o superávit fiscal, após décadas de governos que gastaram mais do que arrecavam — seu antecessor entregou um Estado falido. Como parte do plano, foram de-

mitidos mais de 15 mil servidores e reduções diversas orçamentos, afetando não só as universidades, mas também despesas nas áreas de saúde e cultura, entre outras.

REDUÇÃO DA INFLAÇÃO

Em um discurso transmitido em cadeia nacional de rádio e TV, o presidente anunciou, na noite de ontem, que o governo alcançou o superávit fiscal no primeiro trimestre, algo que não acontecia desde 2008 — segundo o jornal El Comienzo, o gasto público foi o menor em 30 anos. O ajuste implementado por Milei foi mais profundo do que o pedido do Fundo Monetário Internacional. Os gastos em obras públicas, por exemplo, foram reduzidos em 87%; as remessas aos governos provinciais caíram 77% e os subsídios às tarifas de serviços públicos despencaram 45%. A serra elétrica de Milei também afetou as aposentadorias, que caíram 38%. Além do superávit, o governo conseguiu reduzir a taxa de inflação, que chegou a 25% em dezembro e caiu para 12,2% em fevereiro e 11% em março. O custo foi o aprofundamento da recessão.

— A era do suposto Estado

presente terminou. Foi um fracasso rotundo — disse. A gigantesca e histórica manifestação em Buenos Aires — da qual participaram importantes universidades privadas do país — foi classificada como uma ação política por parte do governo, graças à participação de dirigentes opositores, entre eles o ex-candidato peronista Sergio Massa. A marcha contou, de fato, com a participação de setores políticos e movimentos sociais, entre eles as Mães e Avós da Praça de Maio, tradicionalmente vinculadas ao kirchnerismo. Mas, nas ruas da capital, o que mais se viu foram alunos, professores, trabalhadores das universidades



"A era do suposto Estado presente terminou. Foi um fracasso rotundo"

Javier Milei, presidente da Argentina

"A educação é um direito humano fundamental"

Piera Fernández, da FUA

e pessoas já formadas e com filhos e netos que estudam em universidades públicas.

— Perdemos uma eleição, mas não podemos nos render. Vocês têm de fazer o que nós fazemos há 47 anos. A única luta que se perde é a que se abandona — disse Taty Almeida, das Mães da Praça de Maio.

O discurso final foi de Piera Fernández, jovem presidente da Federação Universitária Argentina (FUA).

Os salários perderam 50% em relação à inflação. Exigimos negociações salariais livres, sem teto, que permitam recuperar com urgência o que se perdeu. Sem salários dignos, a universidade pública é inviável. A educação é um direito humano fundamental.

As ruas do centro da cidade ficaram lotadas de manifestantes carregando bandeiras da Argentina e cartazes com mensagens em defesa da educação pública. Lemas de advogados políticos de Milei estiveram ausentes.

— Não somos a casta [política], precisamos de recursos para estudar — disse Alejandra Romero, estudante de arquitetura da Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA), a mais importante do país, com pres-

tição regional e mundial. Ao seu lado, Nicolás Fernández, estudante de Farmácia da UBA, fez um alerta:

— Os laboratórios estão sem reagentes, não podemos fazer pesquisas. Corremos o risco de perder matérias no segundo semestre por falta de dinheiro.

De acordo com um estudo da Associação Argentina de Orçamento e Administração Financeira Pública, no primeiro trimestre deste ano as remessas às universidades públicas caíram entre 30% e 35% em relação ao mesmo período do ano passado. Já a Associação Civil pela Igualdade e Justiça afirma que o orçamento atual das universidades públicas é o mais baixo desde 1997.

O porta-voz do governo, Manuel Adorni, afirmou que a manifestação teve intenções "políticas", e anunciou um aumento de 70% dos orçamentos universitários em março. No entanto, autoridades universitárias negam que o governo tenha destinado mais recursos à educação pública. Em meio à controvérsia, a ministra do Capital Humano, Sin-dra Pettovello, perdeu um novo funcionário de sua confiança, o agora ex-secretário de Coordenação Legal e Adminis-

trativa, Maximiliano Keczeli, que renunciou ao cargo no dia das manifestações.

Pettovello já perdeu outros membros da equipe em meio a tensões com movimentos sociais. A crise pelo impacto negativo da serra elétrica de Milei é cada vez maior, e a reação das universidades abriu uma frente de conflito delicada para o presidente, que já destacou bem claro o que pensa da educação pública.

— Um mecanismo de lavagem cerebral — disse Milei, que estudou na Universidade de Belgrado, particular, num discurso em março.

SEM PAPEL HIGIÊNICO

Nas sedes das faculdades da UBA, em Buenos Aires, se multiplicaram os cartazes em repúdio aos cortes. "A ciência não é cara, cara é a ignorância", diz um deles, na Faculdade de Ciências Exatas da UBA, na qual foi colocado um relógio mostrando por quanto tempo o atual orçamento conseguirá cobrir as necessidades de financiamento da faculdade.

— Sou estudante de Biologia e na minha faculdade os recursos não são mais suficientes para manter nossos laboratórios e nossas pesquisas — conta Nahuel Rodríguez.

Em outras universidades, como a de San Martín, na Grande Buenos Aires, a situação também é complexa. Os professores devem levar seu próprio papel higiênico e limpar seus escritórios. De acordo com Oscar Valpa, vice-presidente do Conselho Interuniversitário Nacional, as remessas não cobrem sequer 50% das despesas com tarifas de luz, gás, segurança e limpeza. Valpa disse ainda que, entre dezembro e abril, os salários dos professores perderam cerca de 50% de poder aquisitivo.

Além do reajuste, manifestantes demandam a atualização dos sistemas de bolsas. Segundo dados de 2022, as mais de 40 universidades públicas do país tinham 2.162.947 estudantes, muitos estrangeiros e cada vez mais brasileiros. De acordo com Carlos De Feo, secretário-geral da Federação Nacional de Professores Universitários, se o orçamento do ano passado for mantido, "as universidades não poderão continuar funcionando".



"Educação não se vende": Milhares de estudantes universitários e ativistas saíram às ruas na Argentina pedindo reajuste do orçamento das universidades do país: remessas caíram entre 30% e 35%.

Lula: União da oposição contra Maduro é 'extraordinária'

Opositores confirmaram nome de diplomata para disputa à Presidência, após inabilitação de principal candidata e de substituta

BRASIL

A ténção um dos maiores aliados de Nicolás Maduro na região, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou ontem de "extraordinária" a movimentação da oposição venezuelana, que lançou uma candidatura única para concorrer contra Maduro nas eleições de julho, após anos de di-

visões internas. Nos últimos meses, o governo venezuelano, alinhado com o Conselho Nacional Eleitoral (CNE), vinha impedido que alguns candidatos opositores pudessem concorrer à Presidência, gerando críticas internacionais que culminaram, na semana passada, com a retomada de parte das sanções americanas ao setor petrolífero.

— Na questão da Venezuela, está acontecendo uma coisa extraordinária: a oposição toda se reuniu, estilizando um candidato único. Vai ter eleições, eu acho que vai ter acompanhamento internacional, há interesse de muita gente de querer acompanhar. Se confirmado, o Brasil participará [do processo]. A perspectiva é de que quando terminar as elei-

ções, a gente volte a uma normalidade — disse o presidente, em café com jornalistas. No fim de semana, a principal coalizão da Venezuela confirmou a candidatura do diplomata Edmundo González, de 74 anos, como representante de María Corina Machado — grande vencedora das primárias mas inabilitada por 15 anos. González foi inscrito ini-

cialmente como "candidato provisório" da Plataforma Unitária Democrática após Corina Yoris, que substituiria Machado, também ter tido a candidatura barrada pelo órgão eleitoral.

Ontem, Lula ainda afirmou que torce para que os EUA retri-

zo de seis meses, como parte do Acordo de Barbados — diálogo entre o governo e a oposição em que foi negociado o alinhamento das eleições livres.

— Quem ganhou toma posse e governa, quem perdeu, se prepara para as outras eleições, como eu me preparei depois de três derrotas aqui.

Na Venezuela, Maduro disse ontem que "está de acordo" com a reabertura do escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos no país, cerca de dois meses e meio depois de suspender suas atividades.